

Bebê exumado

Margareth Zanardini

Quatro pares de passos irrompem o silêncio do caminho ladeado por sepulturas. Pobres, em sua maioria. O funcionário do cemitério indica onde foi enterrado o nenê. Inicia-se a abertura.

Surge da terra aquela pequena caixa que contém o que poderia ter sido uma promessa de vida.

Com o descerramento vê-se, qual boneca de porcelana, o rostinho sem vida. Olhos unidos pela força da morte prematura. Leve penugem emoldurando a cabeça. Roupinhas esmeradamente escolhidas para acompanhá-lo à sua primeira, única, e última morada. Seu corpinho tenro e pequeno vai sendo perscrutado numa violência pós morte necessária para provar que seu riso poderia estar entre nós.

O legista encontra seus órgãos reprodutores e nos mostra o pe-

queno útero de cuja expectativa de criação jamais se aguardará manifestação.

Infelizmente o tempo já apagará alguns dos sinais que evidenciariam o que seus atormentados pais desejavam. Perdemos por incomodar seu pueril e precoce sono mais esperamos esta tenha sido sua póstuma contribuição para outros recém chegados não saíam sofredamente através da porta negligentemente aberta pela falta de respeito à vida humana.

(Homenagem-protesto no Dia da Criança pela cifra negra da mortalidade infantil oriunda da falta ou mal atendimento hospitalar às parturientes pobres).

(Único trecho angustiado do Livro de Poesias "Lúdica" a ser lançado pela Literotécnica em novembro).

Margareth Zanardini — advogada e jornalista colaboradora)